

## **Geoturismo em Salvador: As rochas ornamentais da Igreja Basílica de Nosso Senhor do Bonfim**

*Acacia Bastos Couto Pinto<sup>1</sup> Claudio Sergio Oliveira de Rosato<sup>1</sup> Débora Correia Rios<sup>1</sup>  
Nicholas Stevam Amancio de Oliveira<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia

Com o objetivo de estudar o Patrimônio Geológico de Salvador iniciou-se o inventário dos tipos litológicos utilizados na construção dos prédios do Centro Histórico, constatando-se que, entre os séculos XVI e XVIII, várias construções da cidade utilizaram rochas de diversas características petrográficas, a maioria trazida de Portugal como lastro de navios. Estes levantamentos estão sendo a base para a elaboração de um Guia Geoturístico deste Patrimônio Geológico Urbano, cujo roteiro inclui igrejas, casarios e monumentos e, ao identificar as rochas ornamentais mais utilizadas, suas características petrográficas e procedências, permite propor medidas que garantam sua Geoconservação, facultando e promovendo o ensino/aprendizagem da Geologia através da popularização das geociências. Dando prosseguimento na elaboração desse guia, o terceiro ponto é a Igreja Basílica de Nosso Senhor do Bonfim, templo católico, localizada na Sagrada Colina, na península de Itapagipe, em Salvador Construída em estilo neoclássico com fachada em rococó, essa típica igreja colonial portuguesa possui duas torres sineiras laterais. A Igreja do Bonfim de Salvador chama a atenção por suas dimensões e pela posição de destaque na elevação onde foi instalada, construída entre 1746 e 1754, para abrigar a imagem do Senhor Bom Jesus do Bonfim, trazida de Lisboa, em 1745. Em 1927, o papa Pio XI elevou o templo à dignidade de Basílica. A variedade de rochas utilizadas na construção e ornamentos, além do uso do ouro em grande parte do revestimento e decoração do altar e oratórios, lhe confere importante destaque dentre as construções portuguesas no período do Brasil Colônia. Além disto, a utilização do conhecimento geológico se aplica coerentemente a este monumento composto por peças importantes para a conceituação deste Patrimônio Geológico Urbano, que, devido a sua relevância histórico-geológica, necessita de monitoramento constante a fim de preservar o testemunho da riqueza e da diversidade litológica presente na arquitetura colonial brasileira. Nesta construção foram utilizados basicamente três tipos de rocha: (i) o arenito, procedente de jazidas e pedreiras locais, (ii) o calcário, conhecido como Lioz Português, e (iii) mármore importados de Portugal, utilizados em menor escala na construção e principalmente na ornamentação. A fachada é coberta por azulejos brancos portugueses, que chegaram à igreja cem anos depois da construção. O interior é neoclássico, apresentando feições mais simples e utilizando em maior escala as rochas trazidas de Portugal, além de pinturas de homens e nuvens no teto, feitas entre 1818 e 1820 por Franco Velasco. Os pisos dos corredores laterais e detalhes de ornamentação são em mármore enquanto o altar-mor, o piso central, as pias batismais e os lavabos são ricamente ornamentados em calcário Lioz, bem como os pisos externo e a escadaria da Igreja. A identificação e a caracterização das rochas ornamentais na Igreja possibilitaram, além do conhecimento do seu aspecto petrográfico, inventariar a utilização na geologia urbana de vários materiais pétreos, destacando-se a riqueza de cores e os belíssimos trabalhos de cantaria presentes nos ambientes externos e internos, bem como a demonstração dos traços histórico-culturais comuns entre os povos luso-brasileiros.

**Palavras Chaves:** GEOTURISMO; PATRIMÔNIO GEOLÓGICO.